

Brito, Bruna Pinto Martins; Almeida, Christiane Carvalho de; Fernandes, Lucas Guilherme; Silva, Walquiria Sanches da. O lugar e a função da sublimação na clínica das toxicomanias sublimação na clínica das toxicomanias

O LUGAR E A FUNÇÃO DA SUBLIMAÇÃO NA CLÍNICA DAS TOXICOMANIAS SUBLIMAÇÃO NA CLÍNICA DAS TOXICOMANIAS

Bruna Pinto Martins Brito¹

Christiane Carvalho de Almeida²

Lucas Guilherme Fernandes³

Walquíria Sanches da Silva⁴

¹ UFF, Professora Adjunta do curso de Psicologia, Doutora em Psicologia. Endereço para correspondência: Departamento de Psicologia (PUCG/UFF): Rua José do Patrocínio, 71, Centro, Campos dos Goytacazes, RJ, CEP: 28.010-385. Telefone: (22) 2733-0319. Endereço eletrônico: brunapmbrito@gmail.com

² UFF, Psicóloga

³ UFF, Psicólogo

⁴ UFF, Psicóloga

Introdução

A proposta deste artigo é tratar a relação compulsiva do sujeito com a droga como uma questão de saúde. Logo, partimos da fusão sujeito/droga que se estabelece na toxicomania em busca de elementos que contribuam para a prática clínica. A teoria psicanalítica, implicada nas questões de sua época, permite-nos apontar o lugar e a função da atividade sublimatória em alguns casos de toxicomania.

Sabemos que o homem inserido na sociedade enfrenta um sofrimento evidente resultante dos antagonismos entre as suas satisfações pulsionais e as exigências da civilização. Na tentativa de evitar esses sentimentos de desprazer, ele não pode dispensar algumas medidas a fim de tamponar esse *mal-estar*.

Dentre as diversas medidas de fuga que o homem encontra para evitar esse conflito, encontram-se na contemporaneidade, por exemplo, as toxicomanias. Sabemos que a toxicomania como problema social tem sido frequentemente veiculada na mídia devido ao crescente consumo de substâncias em vias públicas. Em consequência, cria-se um novo cenário nas cidades com estabelecimentos irregulares de locais para consumo, em especial para uso de crack e/ou similares, levando o poder público a tomar essa questão como uma questão de ordem pública. Um recente estudo, realizado pelo Observatório Brasileiro de Informações sobre drogas (2013),⁵ fornece-nos um panorama sobre essa situação. Segundo a pesquisa, estima-se que há mais de um milhão de usuários de drogas ilícitas residentes nas capitais brasileiras (Brasil, 2013, p. 5). Porém, o escopo deste trabalho ater-se-á sobre o tratamento da toxicomania no âmbito da saúde.

⁵ O Observatório Brasileiro de Informações sobre Drogas (Obid) é um projeto estabelecido pela Secretária Nacional de Políticas sobre Drogas que tem apoio financeiro do Ministério da Saúde. O objetivo desse projeto é disponibilizar todo e qualquer conhecimento no âmbito da referida temática.

Brito, Bruna Pinto Martins; Almeida, Christiane Carvalho de; Fernandes, Lucas Guilherme; Silva, Walquiria Sanches da. O lugar e a função da sublimação na clínica das toxicomanias sublimação na clínica das toxicomanias

Na clínica, seja em consultório particular ou em serviços de saúde e assistência social, também temos nos deparado com a crescente demanda de tratamento das toxicomanias, como publicações recentes nos indicam (Mezêncio, Rosa & Faria, 2014; Nery Filho, 2009; Chaves, 2006). Dada a relevância, como problema social e de saúde em nossa sociedade, este trabalho versará sobre a toxicomania. Partiremos das contribuições freudianas acerca do uso de tóxicos (Freud, 1930/1996) como uma via mortífera de escape ao mal-estar para investigar as contribuições da psicanálise ao tratamento da toxicomania.

Interessa-nos, aqui, abordar a relação do toxicômano com a droga e a relação de correspondência que este possui de que o objeto está colado ao corpo. A toxicomania parece inverter os papéis entre sujeito e objeto. Compreendendo a especificidade da clínica lacaniana, ressaltamos, aqui, o lugar que a droga vem a ocupar na vida de cada sujeito. Visto que essa clínica se realiza a partir do diagnóstico diferencial, distinguindo neurose e psicose, nosso trabalho pretende compreender a intrínseca relação do toxicômano com a droga na neurose. A fim de poder ofertar ao sujeito outros meios de alcançar satisfação diante de sua questão com o objeto droga.

Desde o início da civilização, o uso das substâncias tóxicas sempre ocupou um lugar privilegiado. Num primeiro momento, o uso de substâncias está associado a rituais e outras manifestações culturais. Aos poucos, esse consumo se desloca de um lugar “ritualizado” para um espaço de compulsão e excesso (Mezêncio, 2014). Na contemporaneidade, as tentativas de fuga aos sentimentos de desprazer transformam-se num abuso excessivo das substâncias tóxicas, ou seja, um consumo exacerbado e sem limites em sintonia com nossa época marcada pelo consumo desenfreado.

A clínica psicanalítica, diante das novas questões da contemporaneidade, compreende as toxicomanias como uma fuga a esse mal-estar. Isso corresponde a considerar a seguinte premissa: a toxicomania não deve ser considerada como um sintoma, tal como Freud o formula, a saber, como aquele que está embutido em um

Brito, Bruna Pinto Martins; Almeida, Christiane Carvalho de; Fernandes, Lucas Guilherme; Silva, Walquiria Sanches da. O lugar e a função da sublimação na clínica das toxicomanias sublimação na clínica das toxicomanias

sentido, como uma formação de compromisso entre as instâncias psíquicas. Trata-se de uma fuga de um mal-estar, no sentido de uma “formação de ruptura” (Laurent, 2014, p. 20), um matrimônio com o objeto droga diante de uma ruptura dos laços sociais.

Trata-se de uma clínica que se orienta a partir de soluções construídas ao longo de um tratamento que incidem sobre a relação entre o sujeito e a droga. Longe de considerar um tratamento padronizado para tais casos, a psicanálise contribui para a discussão ao interrogar os preconceitos envolvidos em práticas de higienização e do moralismo social que estabelecem uma atitude acusatória do sujeito toxicômano. Entendemos a higienização e o moralismo social como princípios norteadores de práticas em que os especialistas, o Estado, a justiça determinam a obrigatoriedade de “tratar”, retirando a autonomia do sujeito. Esses atores sociais são aqueles que detêm o saber e, a partir desse saber, julgam o espaço e o tratamento “adequado” para aqueles que fazem uso ou abuso de drogas e, por conta dessa prática, são considerados como “incapazes” de decidirem sobre seus destinos.

Na contramão dessa lógica acusatória do sujeito toxicômano, a clínica psicanalítica oferta um tratamento que resgata o sujeito “apagado” nas categorias em que fora incluído como “toxicômano”, “drogado”, entre outros. Uma das apostas dessa clínica é a sublimação como uma vicissitude possível da satisfação pulsional que está dirigida ao objeto droga. Desse modo, supomos que as atividades sublimatórias se apresentem como uma forma de deslocamento da libido empregada em relação do sujeito com o objeto droga, possibilitando outras formas de satisfação, na qual o sujeito possa lidar com seu sofrimento.

A partir dessas considerações, a psicanálise vê a relação do sujeito toxicômano com o objeto droga não como uma associação marcada pela dependência química, mas como uma busca de satisfação, ao mesmo tempo em que uma fuga do mal-estar. Porém, essa busca de satisfação pela via da toxicomania se insere em uma via mortífera e de

Brito, Bruna Pinto Martins; Almeida, Christiane Carvalho de; Fernandes, Lucas Guilherme; Silva, Walquiria Sanches da. O lugar e a função da sublimação na clínica das toxicomanias sublimação na clínica das toxicomanias

rompimento de laços sociais. Além dessa vertente, há certa fusão entre o sujeito e o objeto droga na relação toxicômana, como veremos a seguir.

A fusão sujeito e droga na toxicomania

A psicanálise compreende a heterogeneidade da relação de cada sujeito com o objeto droga. A clínica psicanalítica defende uma clínica como lugar do singular, abrangendo cada caso como único e específico. Cada sujeito tem uma relação específica com a droga e com a dualidade de seu prazer-sofrer.

A partir dessa particularidade, a clínica psicanalítica direciona-se com base no diagnóstico diferencial, que se mostra como uma baliza na direção do tratamento. Porém, o tratamento de toxicomanias traz consigo certas especificidades. Logo, devemos inferir que as toxicomanias não são uma estrutura clínica, mas um elemento que pode mascará-las. Assim, a direção do tratamento baseia-se em um diagnóstico referente às estruturas neurose/psicose. Nossa pesquisa centra-se na investigação do lugar que a droga ocupa na estrutura neurótica, compreendendo-a possivelmente como uma fuga ao mal-estar.

Advertidos que a toxicomania não corresponde a uma estrutura clínica, elegemos avançar a partir deste termo em detrimento do termo “dependência química”. Realçamos aqui, ao termo ‘toxicômano’ visando compreender o que na origem da palavra tóxico, refere-se à relevância dos efeitos psíquicos na relação sujeito e objeto droga. Além disso, ressaltamos a significação ‘adicta’, referente à perda de liberdade de escolha diante do objeto específico, predominando a ação compulsiva e irrefreável relacionada à droga (Chaves, 2006). Nesse sentido, faz-se necessário, em cada caso, compreender a relação “adicta” que o sujeito toxicômano tem com o objeto droga. Desse modo, ressaltamos que a psicanálise tem uma postura distinta dos saberes que

Brito, Bruna Pinto Martins; Almeida, Christiane Carvalho de; Fernandes, Lucas Guilherme; Silva, Walquiria Sanches da. O lugar e a função da sublimação na clínica das toxicomanias sublimação na clínica das toxicomanias

priorizam somente os efeitos químicos do objeto droga e sua influência no mecanismo do corpo.

Essa relação adicta faz com que o toxicômano apresente uma relação com a droga diferente das outras pessoas, pois apresenta uma problemática com a identificação, isto é, “a capacidade de ocupar lugares e posições psíquicas diferentes” (Kaufman, 1996, p. 256), estabelecendo uma relação de correspondência por meio da qual o objeto está colado ao corpo. Há uma inversão na relação de sujeito e objeto, em que “o objeto parece vivo e o sujeito termina por se apresentar semivivo, coisificado” (Chaves, 2006, p. 12). Essa inversão na relação de sujeito e objeto é a marca na toxicomania, diferenciando-a daqueles que fazem um mero uso de substâncias.

As toxicomanias, segundo Kaufman (1996, p. 544), “inventam um método de fazer de si mesmo um corpo estranho graças à incorporação de um tóxico”. Desse modo, o sujeito e o tóxico se confundem e se fundem nessa relação que determina a toxicomania. Em consequência, a psicanálise é levada a ultrapassar a definição da droga como substância de efeitos químicos, a fim de compreender o objeto que se (con)funde ao sujeito em casos de toxicomania. É a partir dessa concepção de fusão sujeito e objeto droga que devemos partir para possibilitar a construção de uma relação analítica que dê um lugar para o sujeito.

Sabemos que o sujeito, identificado ao objeto droga, faz desaparecer a sua responsabilidade, na inversão que se encontra entre sujeito-objeto. Ele assume uma resposta repetitiva e automática, impedindo qualquer possibilidade de abertura “eu sou – eu uso” (Rego, 2007). Consonante a esse pressuposto, Freda (2005) nos ensina que esse hábito fornece ao praticante (toxicômano) um “eu sou”: “eu sou toxicômano” (Freda, 2005, p. 314), que define assim o sujeito por sua prática, e não pelo seu sintoma (idem). Nesse sentido, na relação toxicômana, não há espaço para o sujeito e sua fala, não há sintoma que se direcione ao analista. Como afirma Rego (2009, p. 207), “a

Brito, Bruna Pinto Martins; Almeida, Christiane Carvalho de; Fernandes, Lucas Guilherme; Silva, Walquiria Sanches da. O lugar e a função da sublimação na clínica das toxicomanias sublimação na clínica das toxicomanias

adesividade à droga é tal, que o indivíduo se confunde nela e com ela”. Seu corpo está colado ao objeto de modo que chega a parecer um só corpo.

Se a psicanálise parte dessa relação tóxica com o objeto, há outros discursos a respeito da toxicomania que, frequentemente, são atravessados por um viés moralizante e focalizando o objeto droga como o agente do mal, ou a substância destruidora da sociedade. Como consequência, temos “a nomeação do sujeito generalizadamente, independente da singularidade, da subjetividade” (Beneti, 2014, p. 30). No Brasil, essencialmente os tratamentos terapêuticos aos usuários de drogas baseiam-se na crença de que eliminando a droga resoluçiona-se a questão do toxicômano. É o que denuncia Chaves ao afirmar que “as terapias que priorizam a desintoxicação propõem que o sujeito se esqueça do objeto, negligenciando ou omitindo a diferença entre vontade e desejo” (Chaves, 2006, p. 18). Trata-se de uma terapêutica generalizante e que reduz a questão toxicômana ao uso e consumo de substâncias.

Na contramão dessa lógica, a perspectiva analítica contradiz, desse modo, uma lógica terapêutica que se baseia na máxima “a droga faz o toxicômano”. Esta acredita que eliminando a droga soluciona-se o problema do toxicômano colocando a sua falta apenas nos aspectos químicos. A escuta analítica, como aquela que aposta na existência do inconsciente, dirige-se ao toxicômano em uma modalidade que compreende esta relação do sujeito com seu objeto. É a relação do sujeito com o objeto droga que caracteriza a toxicomania. Segundo Nery Filho (2009, p. 228),

O ato analítico nas toxicomanias visa à interrogação de uma posição ontológica, predominante nos discursos contemporâneos nos quais a droga se caracteriza como um de seus sintomas. Nessas perspectivas, a ideia é estabelecer estratégias, sejam interpretativas, sejam em ato, que possibilitem um reposicionamento desses indivíduos.

Esse “reposicionamento” dos sujeitos, como Nery Filho (2009) nos indica, deve passar pela construção de saídas alternativas para lidar com o mal-estar inerente à vida

Brito, Bruna Pinto Martins; Almeida, Christiane Carvalho de; Fernandes, Lucas Guilherme; Silva, Walquiria Sanches da. O lugar e a função da sublimação na clínica das toxicomanias sublimação na clínica das toxicomanias

humana. Para tal, retomaremos as contribuições de Freud em seu texto, datado de 1930, dedicado ao tema. Em busca de contribuições sobre as facetas do mal-estar em nossa época, lançaremos mão das contribuições do sociólogo Zigmunt Bauman.

Considerações sobre o mal-estar

O sofrimento causado entre o individual e o social aponta claramente para os movimentos próprios da civilização. Esse conflito, entretanto, não estaria predisposto na condição humana, mas resulta das exigências da civilização que impedem a realização e a satisfação de seus desejos. Freud, em seu texto *O Mal-estar na Civilização* (1930), enuncia que toda civilização se constrói sobre as renúncias da pulsão, estabelecendo-se a partir de uma relação de troca. Entendemos pulsão como algo que provém de uma fonte somática e que impulsiona o psiquismo na realização dos trabalhos psíquicos, tendo como objetivo a efetivação da descarga. Portanto, há um sofrimento que se desprende dessas renúncias pulsionais, a saber, um *mal-estar*, sobretudo, necessário. Retomaremos brevemente o conceito de pulsão a fim de compreender tais renúncias.

O conceito de *pulsão* [*Trieb*] na obra freudiana assume uma posição fundamental para compreender a relação do sujeito, ou do “eu” e o mundo externo. O conceito de *Trieb* é descrito como um conceito-limite entre o psíquico e o somático (Freud, 1905). As pulsões, segundo Freud (1915), constituem as verdadeiras forças motrizes por detrás dos progressos que conduzem o sistema psíquico.

A fim de caracterizar especificamente esse conceito, Freud utiliza-se de quatro características fundamentais – pressão, finalidade, fonte e objeto. É a partir dessas referências que se torna possível distinguir o conceito de *pulsão* [*Trieb*] e *instinto* [*Instinkt*]. A *pressão* [*Drang*] é a característica da força constante da pulsão, que é seu fator motor. A *finalidade* [*Ziel*] é sempre a satisfação “que só pode ser alcançada eliminando-se o estado de estimulação na fonte da pulsão”. (Freud, 1915/1996, p. 128).

Brito, Bruna Pinto Martins; Almeida, Christiane Carvalho de; Fernandes, Lucas Guilherme; Silva, Walquiria Sanches da. O lugar e a função da sublimação na clínica das toxicomanias sublimação na clínica das toxicomanias

A *fonte* [*Quelle*] é sempre o processo somático que ocorre no corpo e cujo estímulo é representado no psíquico. Essas características são comuns tanto ao conceito de pulsão quanto ao de instinto; são a característica do objeto que distinguirá de forma significativa esses dois conceitos. O *objeto* [*Objekt*] do instinto está sempre preestabelecido conforme uma determinada espécie, ao contrário disso, na pulsão não há um objeto concebido anteriormente, mas se destina a uma variada escolha de objetos no qual ou pelo qual pode atingir o seu alvo, ou seja, a satisfação. Se, por um momento, esses dois conceitos parecem estar ligados, eles gradativamente se separam na escolha dos objetos e seguem as vicissitudes indicadas pelos processos pulsionais do *eu*.

O eu apresenta-se como algo autônomo e unitário, cuja aparência ilusória pretende a busca de um bem-estar de uma unidade harmoniosa. Em seu texto *O mal-estar na civilização* (1930), Freud, a fim de apontar as vicissitudes do eu pela busca do prazer e a fuga dos sentimentos de mal-estar, utiliza-se do exemplo da criança recém-nascida que ainda não distingue o seu eu do mundo externo como uma fonte de sensações que atuam sobre ela, mas que aprende gradualmente a reagir a esses estímulos. Posteriormente essa criança identificará as formas de excitação que provém do seu corpo a qualquer momento e outras fontes de satisfação, como o seio materno que reaparece aos seus gritos de socorro. Essa se torna a primeira relação que o eu estabelece em contraste de um objeto.

O eu em relação ao mundo externo reconhece assim uma variada dimensão de sensações, entre elas as diversas e inevitáveis sensações de sofrimento. Há, desse modo, um afastamento dessas fontes de desprazer causadas pelo confronto desse mundo estranho e ameaçador, distingue-se assim o eu do mundo externo. A princípio, “o eu inclui tudo; e só posteriormente, separa de si mesmo, um mundo externo” (Freud, 1930/1996, p. 77).

Brito, Bruna Pinto Martins; Almeida, Christiane Carvalho de; Fernandes, Lucas Guilherme; Silva, Walquiria Sanches da. O lugar e a função da sublimação na clínica das toxicomanias sublimação na clínica das toxicomanias

Freud (1915) demonstra esse processo de forma ainda mais clara ao revelar que o eu coincide com o prazer e o mundo externo com o desprazer.

Assim, o “eu da realidade”, original, que distinguiu o interno e o externo por meio de um sólido critério objetivo se transforma num “eu do prazer” purificado, que coloca a característica do prazer acima de todas as outras. Para o eu do prazer, o mundo externo está dividido numa parte que lhe é agradável, que ele incorporou a si mesmo, e num remanescente que lhe é estranho. (Freud, 1915/1996, p. 141)

O encontro do homem com a realidade demonstra-se de forma árdua e resultam inúmeros sofrimentos, sentimentos de desprazer e tarefas impossíveis de serem realizadas. Esse *mal-estar* indica-nos Freud, pode ser oriundo de três direções: do nosso próprio corpo, que está condenado à decadência e a dissolução; do mundo externo com forças de destruição esmagadoras e impiedosas que se voltam contra nós, demonstrando um sentimento de fragilidade diante dos acontecimentos externos da natureza; e de nossos relacionamentos com os outros homens, que constitui a perda da liberdade em troca da vida organizada.

A relação mútua entre os homens é considerada por Freud como a mais penosa fonte de sofrimento, já que, embora estabelecida por nós mesmos, esta não representa proteção e benefício para cada um de nós. Ao dedicar-se sobre esse aspecto característico da civilização ele apresenta que:

A vida humana em comum só se torna possível quando se reúne uma maioria mais forte do que qualquer indivíduo isolado e permanece unida contra todos os indivíduos isolados. O poder dessa comunidade é então estabelecido como ‘direito’, em oposição ao poder do indivíduo, condenado como ‘força bruta’. (Freud, 1930/1996, p. 101).

O passo decisivo para a constituição da civilização residiria nessa substituição do poder do indivíduo pelo poder de uma comunidade. Os membros dessa comunidade restringem de tal forma as suas possibilidades de satisfação e o indivíduo parece

Brito, Bruna Pinto Martins; Almeida, Christiane Carvalho de; Fernandes, Lucas Guilherme; Silva, Walquiria Sanches da. O lugar e a função da sublimação na clínica das toxicomanias sublimação na clínica das toxicomanias

desconhecer tais restrições. A liberdade do indivíduo, segundo Freud (1930/1996), não caracteriza uma das constituições da civilização, porque o desenvolvimento desta impõe restrições a ela e não aceita hesitações.

Na medida em que os homens se organizam em sociedade, o sujeito perde sua liberdade em prol da civilização. Para conviver com os demais, é preciso abrir mão de sua liberdade em satisfazer completamente seus desejos. A sociedade vivida por Freud apresentava uma relação de troca muito bem estabelecida. Nessa relação de troca, os indivíduos perdiam suas possibilidades de felicidade individual a fim de ganhar possibilidades de segurança que fossem firmes e protetoras.

A contemporaneidade, entretanto, estabeleceu novas formas de trocas nessa relação. Os ideais do liberalismo de sua limitação dos poderes do Estado para a subordinação dos direitos a liberdade e propriedade criaram um terreno favorável para o desenvolvimento de uma sociedade mais individualista e atomizada. Sustentando a tese dos direitos naturais do indivíduo a serem defendidos e um “contrato” firmado entre indivíduos autônomos para garantir seus interesses, torna-se fundamental preservar os espaços da privacidade e limitar os abusivos poderes do Estado (Figueiredo, 2007).

Evidentemente, essas mudanças de posições de perdas e ganhos, como infere Bauman (1998), não podem significar o mesmo mal-estar que resultava das relações da modernidade. A contemporaneidade encontrou outras formas de sofrimentos e outros modos de tamponar esse *mal-estar*, resultando desta maior liberdade em troca de uma segurança pequena demais.

De todo modo, o homem inserido na cultura está assim submetido a este antagonismo inevitável: por um lado, encontra as restrições decorrentes dessa inserção; por outro, o empecilho de suas exigências pulsionais.

A fim de suportar este sofrimento do encontro do “eu” com o mundo externo, Freud considera que não podemos dispensar medidas paliativas como formas de fuga a

Brito, Bruna Pinto Martins; Almeida, Christiane Carvalho de; Fernandes, Lucas Guilherme; Silva, Walquiria Sanches da. O lugar e a função da sublimação na clínica das toxicomanias sublimação na clínica das toxicomanias

esses sentimentos de desprazer. Dentre essas medidas, podemos encontrar: derivativos poderosos, como o trabalho e a produção de conhecimento na atividade científica; as satisfações substitutivas, como a arte que pode diminuir o sofrimento, visto o papel que a fantasia ocupa no psiquismo humano; e as substâncias tóxicas que nos tornam insensíveis ao desprazer.

Substâncias tóxicas como fuga ao mal-estar

Nos dias atuais, encontramos o mal-estar marcado pelo antagonismo entre as restrições civilizatórias e as exigências satisfatórias da pulsão. A sociedade de insatisfação e a “síndrome consumista da modernidade líquida” também se dispõem das suas tentativas de solucionar o sofrimento. Surgem novas questões sociais, dentre elas, a anorexia, a bulimia, a compulsão e as toxicomanias – no qual o nosso trabalho se desprende.

O homem, diante de seu mal-estar irremediável, busca tamponá-lo nos demasiados mecanismos que este encontra na sociedade em que está inserido. Assim como o trabalho, a produção científica e a arte são medidas nesse processo como tentativas de solucionar esse sofrimento, a produção científica, a arte e o uso das substâncias tóxicas também se encontra como uma dessas medidas paliativas.

Freud concorda que os métodos que influenciam diretamente o próprio organismo talvez sejam os mais eficazes de evitar o sofrimento. Desse modo, apresenta o lugar permanente que as substâncias tóxicas ocupam na “economia de prazer” das mais variadas culturas (Freud, 1930/1996). Entretanto, ainda que considere as substâncias tóxicas como um dos métodos mais eficazes na fuga desse mal-estar, também considera como um dos mais agressores ao homem. Vemos aqui Freud preconizar a relação patológica que pode se estabelecer com o objeto droga. Entretanto, na contemporaneidade, o uso de tais substâncias assume uma relação

Brito, Bruna Pinto Martins; Almeida, Christiane Carvalho de; Fernandes, Lucas Guilherme; Silva, Walquiria Sanches da. O lugar e a função da sublimação na clínica das toxicomanias sublimação na clínica das toxicomanias

extremamente diferente apresentando-se de forma abusiva e resultando novas formas de sintoma. Segundo Mezêncio (2014, p. 9), estamos diante de “um consumo que se generaliza, não conhece limites, podendo tornar-se devastador”.

Posto isso, Bauman, a partir de seus escritos, nos auxilia a elucidar sobre algumas questões do mal-estar em nossa época, marcada pelo aspecto líquido. A vida-líquida tal como ele se refere, “é uma forma de vida que tende a ser levada à frente numa sociedade líquido-moderna” (Bauman, 2007, p. 7). A sociedade líquido-moderna apresenta-se como aquela em que as condições mudam num espaço de tempo muito mais curto do que o necessário em hábito e rotinas. As ações da vida-líquida não mantêm sua forma por muito tempo e as realizações individuais não podem nem mesmo consolidar-se. A vida líquida acaba apenas proporcionando condições de uma vida precária e de condições incertas.

Nessa sociedade, nada pode reivindicar isenção à regra universal do descarte, e nada pode ter permissão de se tornar indesejável. A constância, a aderência e a viscosidade das coisas, tanto animadas quanto inanimadas, são os perigos mais sinistros e terminais, as fontes dos temores mais assustadores e os alvos dos ataques mais violentos. (Bauman, 2007, p. 9)

“A vida líquida é uma vida de consumo” (Bauman, 2007, p. 16) e o lixo é o produto final de toda ação de consumo. Vale lembrar que não mais há diferença entre animados e inanimados e nem mesmo entre consumidores e objetos de consumo, posto que tudo é passível à lógica do consumo. Os objetos de consumo só são úteis enquanto são usados e cujo destino é o descarte. A sociedade de consumo entra em uma busca da felicidade como desafio a ser perseguido na vida individual. A promessa de satisfação torna-se base da sociedade de consumo, entretanto, é a insatisfação que se perpetua na sociedade. A não satisfação são os volantes dessa nova economia que tem por alvo esse consumidor líquido-moderno. Nessa busca constante de realização na síndrome

Brito, Bruna Pinto Martins; Almeida, Christiane Carvalho de; Fernandes, Lucas Guilherme; Silva, Walquiria Sanches da. O lugar e a função da sublimação na clínica das toxicomanias sublimação na clínica das toxicomanias

consumista em que cada consumidor tenta assegurar sua sobrevivência, o que começa como necessidade de satisfação pode desencadear uma compulsão.

O mal-estar no contemporâneo é o próprio fruto de uma sociedade marcada pela insatisfação, a ruptura com o mundo e a agilidade das coisas, obtendo como produto final o próprio lixo que se torna sua ação de consumo. Por outro lado, vemos surgir as toxicomanias entre as novas formas de satisfação pulsional e a ruptura com o mundo externo mostra-se como urgente; não se necessita de um outro⁶ para se satisfazer.

A toxicomania, como uma forma de satisfação autoerótica, é considerada uma satisfação no próprio corpo, sem passar pelo laço social. Freud, nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), denominou de autoerotismo a organização sexual infantil, em que a criança encontra sua satisfação pulsional sem recorrer a um objeto externo. Sua satisfação prescinde de um outro para que seja alcançada. Dessa forma revela o produto mais evidente de uma sociedade que tem como premissa a insatisfação e a reversão de papéis.

A partir dessa premissa, é possível estabelecer novas formas de intervenção nessa relação sob a forma de um corte, um limite entre o sujeito toxicômano e o objeto consumido. Entre esses mecanismos, podemos considerar na clínica das toxicomanias a sublimação como uma via possível, sobre a qual nos dedicaremos a seguir.

Sublimação: as vicissitudes possíveis da pulsão

Em seu trabalho *Pulsão e suas vicissitudes* (1915), Freud dedica-se ao conceito de pulsão e seu mecanismo psíquico nos seus mais distintos aspectos. Nesse texto, o

⁶ Referimos aqui ao termo outro (autre), proposto por Jacques Lacan, em referência àquele que o sujeito reconhece como seu semelhante e, em consequência, identifica-se. Trata-se ainda daquele com o qual o sujeito compartilha uma mesma prática, como no caso da toxicomania.

Brito, Bruna Pinto Martins; Almeida, Christiane Carvalho de; Fernandes, Lucas Guilherme; Silva, Walquiria Sanches da. O lugar e a função da sublimação na clínica das toxicomanias sublimação na clínica das toxicomanias

autor elabora os possíveis caminhos que a pulsão encontra. Vale lembrar que frequentemente traduz-se *schicksal* por destino, mas preferimos a tradução de vicissitude. Por vicissitude entendemos uma “sucessão de mudanças” (Houaiss, 2009, p. 770) envolvidas no direcionamento da pulsão. Logo se diferencia de um destino, como algo já preestabelecido e definitivo, como é o caso do instinto. Diferentemente, a pulsão pode reorientar-se ao longo da vida de cada sujeito, dedicando-se ora a uma vicissitude, ora a outra. Esta, como uma força impulsionadora no processo de desenvolvimento, pode passar pelas seguintes vicissitudes no decorrer da vida: a reversão a seu oposto; o retorno em direção ao próprio eu do indivíduo, o recalque e a sublimação (Freud, 1915). É em relação a esse último que pretendemos aprofundar.

A sublimação é um mecanismo marcado pela tentativa de fuga do caráter sexual, deslocando o objeto da pulsão de seu objetivo sexual em direção a outros objetivos que não apresentem nenhuma relação aparente com o sexual e sejam valorizados socialmente. Essa vicissitude específica conduz a pulsão de um aspecto puramente sexual para um objeto com caráter desviado do destino sexual.

A sublimação “refere-se à operação de transformação em algo mais elevado” (Besset, 2005, p. 7). Inicialmente, Freud (1915) acreditava que a sublimação tinha um desvio da meta – relacionada à obtenção da satisfação sexual –, por se voltar para um objeto de caráter oposto, distante da meta sexual. Porém, o autor passa a observar que, por mais que o objeto aparenta essa característica, a satisfação por trás da atividade sublimatória é sempre sexual, pois esta é originada da pulsão. Ou seja, ela apresenta-se inicialmente como uma aparência não sexual, porém a sua gênese só é possível a partir da pulsão sexual. Essa mudança de objeto oferece uma proteção ao sujeito diante do sexual, de forma que esteja submetido aos valores morais. Outra característica, a destacar, é o vínculo que a sublimação tem no campo da cultura, por exemplo, na pintura, na arte, fotografia, música, entre outros. Freud chega a afirmar a importância que esse mecanismo desempenha no desenvolvimento das sociedades ao longo da

Brito, Bruna Pinto Martins; Almeida, Christiane Carvalho de; Fernandes, Lucas Guilherme; Silva, Walquiria Sanches da. O lugar e a função da sublimação na clínica das toxicomanias sublimação na clínica das toxicomanias

história. “Os historiadores da civilização parecem unânimes em pensar que o processo que desvia as forças pulsionais sexuais de seus fins sexuais e as orienta para novos fins, processo que merece o nome de sublimação, é uma poderosa aquisição para o trabalho da civilização” (Freud, 1905/1996, p. 182).

Essa reorientação dos objetivos pulsionais consegue intensificar a produção de prazer às fontes do trabalho psíquico e intelectual, já que ela continua sendo uma forma de satisfação da pulsão. Na sublimação ocorre uma espécie de “dessexualização” do objeto, e não da pulsão. Ela tem sua função sempre atrelada ao seu aparente caráter assexual e a relação valorativa dos aspectos culturais.

O mecanismo da sublimação, segundo Freud, será bem-sucedido se o “eu” obtiver sucesso em retirar a libido do objeto sexual e fazê-la retomar sobre si mesmo. Este constitui o primeiro momento da sublimação, que podemos considerar como de caráter narcisista. No segundo momento, o eu emprega a libido para outro objeto, este não sexual. Dessa forma, quando a pulsão tem sua satisfação impedida pelas restrições externas, a satisfação pode ocorrer por meio de objetos que sejam valorizados socialmente.

Freud considera os processos sublimatórios de suma importância para a organização civilizatória. É o que o autor afirma em *O Mal-estar na Civilização* (1930), ao definir a sublimação como “um aspecto particularmente evidente do desenvolvimento cultural; é ela que torna possíveis as atividades psíquicas superiores, científicas, artísticas ou ideológicas, o desempenho de um papel tão importante na vida civilizada” (Freud, 1930/1996, p. 118). A partir disso, é possível perceber que a atividade sublimatória oferece uma forma de satisfação compatível com as exigências sociais e que possui uma função protetora. Essa função protetora está atrelada ao seu caráter assexual e à sua vinculação com a cultura.

Além de oferecer uma forma de proteção ao sujeito, esse mecanismo psíquico é visto por Freud como um destino pulsional bastante positivo. Porém, ele mesmo destaca

Brito, Bruna Pinto Martins; Almeida, Christiane Carvalho de; Fernandes, Lucas Guilherme; Silva, Walquiria Sanches da. O lugar e a função da sublimação na clínica das toxicomanias sublimação na clínica das toxicomanias

que a sublimação, apesar de ser interessante para os sujeitos e para a cultura, está submetida a limites. A sublimação não deve ser assumida pelos analistas, recomenda Freud, como uma meta a ser perseguida, já que nem todos os pacientes estão aptos à atividade sublimatória, tornando-se até mesmo um fardo pela impossibilidade de execução que esta poderia exigir.

Desse modo, podemos delimitar os seguintes traços marcantes da sublimação:

O aspecto compulsivo e o afastamento total da ocupação sexual. Este último traço corresponde a um efeito do qual pode sofrer a pulsão, na medida em que ela se desprende completamente da ocupação sexual. Vale ressaltar o fato de que Freud deixar claro que é um afastamento das relações sexuais, da prática em si. Isso corresponde a dizer que há sexualidade envolvida, já que a pulsão não é dessexualizada, apenas desviada de sua meta. (Brito, 2007, p. 61)

Isso posto, prosseguiremos a fim de melhor compreender o conceito de sublimação na obra freudiana. Para tal, antes de discutirmos a sublimação na clínica da toxicomania, passaremos ao estudo realizado por Freud acerca de Leonardo da Vinci.

Leonardo da Vinci: um caso de sublimação?

O trabalho *Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância* (1910), publicado por Freud, torna-se peça fundamental para compreendermos a função da sublimação como uma vicissitude possível das pulsões.

Leonardo da Vinci foi um grande artista, além de desenvolver diversas investigações científicas. Freud se interessou pela vida de Leonardo, a qual chegou a comentar em uma carta endereçada a Fliess em 9 de outubro de 1898 como “o mais famoso canhoto da história, jamais tivera um caso de amor” (Freud, 1950a, Carta 98). Somente posteriormente Freud iniciou um estudo biográfico de Leonardo, o qual percebeu que este nunca terminou de pintar todos os quadros que começava. O motivo

Brito, Bruna Pinto Martins; Almeida, Christiane Carvalho de; Fernandes, Lucas Guilherme; Silva, Walquiria Sanches da. O lugar e a função da sublimação na clínica das toxicomanias sublimação na clínica das toxicomanias

pelo qual os quadros encontravam-se incompletos podia compreender-se numa intensa busca pela perfeição que o pintor achava que jamais conseguiria alcançar, deixando as obras abandonadas antes da finalização.

A análise da vida de Leonardo da Vinci torna-se importante para estabelecermos dois aspectos importantes em que as atividades sublimatórias estão ancoradas: *pulsão de saber e a investigação sexual infantil*. A pulsão se afasta do saber sobre o sexual – aquele encontrado nas pesquisas infantis e se dirige para outra finalidade (Brito, 2007).

A tendência precoce para a curiosidade sexual de Leonardo foi, em sua maior parte, sublimadas numa ânsia geral de saber, o que escapou ao recalque. De tal forma, o recalque, a fixação e a sublimação desempenharam sua parte absorvendo a pulsão sexual do psíquico de Leonardo (Freud, 1910). A intensificação da sexualidade infantil estaria relacionada às vicissitudes de suas produções artísticas, dentre as quais se destacavam a ausência do pai durante seus primeiros anos e a ternura excessiva da mãe. Com a emergência da puberdade, Leonardo evitou a erotização do pensamento com a produção de sintomas obsessivos e seguiu os destinos da curiosidade infantil, que escapando ao recalque foi sublimada ligando-se à pulsão de saber. Porém, se a pulsão de saber infantil estava ligada a um saber sobre a sexualidade, nesse momento, a pulsão sublimada liga-se a um saber que se dedica ao conhecimento científico, mas que nada quer saber sobre o sexual.

A atividade artística esteve presente na vida de Da Vinci desde a entrada da puberdade como uma fuga do sexual. Porém, Freud nos esclarece acerca das duas atividades sublimatórias do artista. Primeiro, o autor afirma que o comprometimento de Da Vinci com a produção artística ocorre por causa de uma inibição decorrente, e uma segunda atividade sublimatória, derivada da deterioração da atividade artística em prol de um redirecionamento para a atividade de pesquisador. Ao atingir a puberdade, o desenvolvimento que o levou a sublimar seus objetos sexuais e produzir suas atividades

Brito, Bruna Pinto Martins; Almeida, Christiane Carvalho de; Fernandes, Lucas Guilherme; Silva, Walquiria Sanches da. O lugar e a função da sublimação na clínica das toxicomanias sublimação na clínica das toxicomanias

artísticas desloca-se para a atividade de pesquisador. Essa última, vale lembrar, também encontra fatores determinantes em sua infância.

Diante dessas considerações, de que maneira podemos pensar a sublimação como uma vicissitude possível na clínica da toxicomania? Por conseguinte, nossa investigação prossegue a partir dessa suposição como uma das direções possíveis em um tratamento.

A sublimação na clínica da toxicomania

A clínica psicanalítica assume na contemporaneidade novos desafios e novas direções a respeito do saber clínico. Besset nos auxilia a compreender esses novos movimentos quando coloca a questão “O que temos nós a dizer frente ao mal-estar na cultura?” (2005, p. 6). A psicanálise enfrenta, assim, “novos desafios ao seu saber fazer a clínica. Desafios postos, diariamente, pela eficácia dos medicamentos e a promessa atraente da felicidade em comprimidos” (Besset, 2005, pp. 5-6).

O uso de álcool e drogas ocupa, como já mencionado, um lugar permanente na “economia de prazer” no histórico das civilizações. Os acontecimentos históricos conduzem-nos a pensar sobre as diversas formas que o uso de substâncias químicas assumiu ao longo dos tempos. Na atualidade, o uso dessas substâncias tornou-se, no entanto, abusivo e adquiriu outras significações diferentes da antiguidade. Entretanto, “devemos priorizar, além dos efeitos químicos, a compreensão das relações do ser humano com as drogas e as muitas significações que estas adquirem em diferentes épocas e contextos sociais” (Chaves, 2006, p. 11).

É a partir disso que compreendemos o lugar e a função da sublimação na clínica psicanalítica perante o *mal-estar* da contemporaneidade. A clínica psicanalítica permite renovar a abordagem das toxicomanias diante das ideologias de higienização e o moralismo.

Brito, Bruna Pinto Martins; Almeida, Christiane Carvalho de; Fernandes, Lucas Guilherme; Silva, Walquiria Sanches da. O lugar e a função da sublimação na clínica das toxicomanias sublimação na clínica das toxicomanias

A história da psicanálise contribui significativamente para o desenvolvimento de uma maior compreensão das relações entre o sujeito toxicômano e o objeto droga. É nessa perspectiva da psicanálise que podemos pensar a clínica da toxicomania como especificidade para construir uma relação que dê lugar ao sujeito.

Na clínica psicanalítica, apostamos em uma intervenção diante da fusão do sujeito toxicômano com a droga. Ao lançar mão da sublimação como aposta em casos de toxicomania, engajamo-nos em uma intervenção que possibilita a emergência do sujeito, escapando da universalização do “drogado”, possibilitando que este possa construir uma saída singular para seu sofrimento. Nas toxicomanias, “o sexual se encontra finalmente reduzido a um tóxico ou se comporta como um puro tóxico” (Kaufman, 1996, p. 543). A satisfação pulsional obtida pela infiltração de uma substância ao corpo estabelece uma inversão entre sujeito e objeto. A sublimação, como uma das vicissitudes da pulsão, pode ser utilizada como um trabalho produtivo no lugar de um consumo compulsivo, desenfreado. A satisfação que se colocava nas forças pulsionais do sujeito toxicômano para o seu objeto droga pode, assim, ser direcionada para outras metas como a arte, a fotografia, a literatura, entre outros.

A substância antes “adicta” ao corpo, que produz fenômenos de intoxicação e abstinência, é deslocada para a produção de objetos destacados do corpo. Desprende-se a satisfação pulsional da droga para dar lugar a outra forma de satisfação, a sublimatória, como uma via menos “mortífera”.

Na clínica da toxicomania, é preciso apostar, como já descrito, nas possibilidades de cada um, possibilitando a emergência da singularidade em suas atividades produtivas. Sendo assim, a especificidade dessa clínica é apostar que, para alguns, a sublimação concede um lugar de produção onde antes só havia o consumo compulsivo. O retorno ao trabalho – manual ou intelectual –, aos estudos, a realização de atividades artísticas e intelectuais em oficinas terapêuticas são exemplos dessa produção sublimatória em detrimento de uma compulsão. Porém é preciso considerar

Brito, Bruna Pinto Martins; Almeida, Christiane Carvalho de; Fernandes, Lucas Guilherme; Silva, Walquiria Sanches da. O lugar e a função da sublimação na clínica das toxicomanias sublimação na clínica das toxicomanias

que se trata de uma retomada da capacidade sublimatória, como nos afirma Besset: “A capacidade para sublimar seria prévia ao tratamento, condição para o exercício da atividade intelectual da associação livre e não um objetivo de ‘cura’” (Besset, 2005, p. 11). Desse modo, trata-se de resgatar essa capacidade sublimatória. Atentos aos riscos relacionados ao excesso sublimatório, devemos resgatar a sua importância na direção do tratamento na clínica da toxicomania. Esse excesso sublimatório, valer lembrar, pode impedir a (re)conexão dos laços sociais que foram rompidos na fusão do sujeito com a droga, como Freud relata ao se debruçar sobre as atividades sublimatórias de Leonardo da Vinci.

A psicanálise é uma clínica da singularidade, na qual não há previsão dos efeitos terapêuticos do tratamento. Desse modo, “a direção do tratamento não é uma linha reta, mas um percurso de entradas e saídas, idas e vindas, que se constrói em um tempo e espaço particulares” (Rego, 2007, p. 209). A pulsão pode circular em diversas vicissitudes, e frequentemente o toxicômano retoma a sua antiga prática. Na clínica da toxicomania, é preciso acolher essas “recaídas” como algo próprio dessa prática, propiciando, a cada vez, um novo recomeço.

A clínica psicanalítica está para além do objetivo da abstinência. A perspectiva desta é posicionar-se diante dessa relação do sujeito toxicômano e seu objeto droga, dando lugar para a fala do sujeito. A partir desta, é possível um tratamento que conduza o sujeito a se responsabilizar por seu uso.

Segundo Rego (2007), os movimentos da clínica podem abrir novos espaços e novos posicionamentos. “Trabalhar com esses usuários na dimensão da redução de riscos e danos, apontando a importância de uma maior preservação física e psíquica, pode ser um caminho. O usuário pode apreender outros modos de lidar com a sua realidade” (Rego, 2007, p. 217).

Considerações finais

Brito, Bruna Pinto Martins; Almeida, Christiane Carvalho de; Fernandes, Lucas Guilherme; Silva, Walquiria Sanches da. O lugar e a função da sublimação na clínica das toxicomanias sublimação na clínica das toxicomanias

O conflito do sujeito diante do social e as diversas atitudes que este precisa abandonar para a necessidade de sua inserção na civilização resultam, como já relatamos, em um mal-estar necessário que se expressa em um sofrimento insuportável. De tal modo, o sujeito não pode dispensar medidas alternativas para lidar com esse conflito.

O mal-estar, embora seja irremediável, encontra medidas possíveis para a fuga desse sofrimento. Entretanto, algumas dessas medidas tornam-se agressivas ao próprio sujeito que a busca. Sendo assim, o uso abusivo de substâncias tóxicas assume uma das medidas paliativas na fuga desse mal-estar. Em uma época marcada pelo consumo em excesso, tal fuga do mal-estar se apresenta, por vezes, como um novo sintoma contemporâneo. Diante dessas medidas marcadas pelo ab(uso), surgem, por outro lado, políticas e práticas psicossociais que engendram movimentos de higienização e concepções moralistas que apagam o sujeito da relação que ele estabelece com a droga e focaliza sua ação apenas na extração da substância química.

O trabalho da clínica psicanalítica, por outro lado, não é linear e nem mesmo simples. Porém, possibilita uma intervenção que recusa a padronização em casos de toxicomania. A psicanálise defende a clínica do “caso a caso” desde os tempos de Freud e privilegia um tratamento em que cada sujeito pode lidar com seu sofrimento e encontrar modos menos mortíferos de satisfação. No decorrer do presente trabalho, apontamos para indícios de que esse mal-estar na contemporaneidade nos conduz a outras formas do trabalho na clínica decorrentes desses novos sintomas (na contramão das outras políticas que acreditam na retirada da substância).

Lançando mão do conceito de sublimação na obra freudiana, a Psicanálise aposta na emergência de outras vicissitudes da pulsão, antes ligada ao objeto droga. Sabemos que a satisfação pulsional se desvia para outro sentido com a sublimação, retirando o sujeito da via mortífera do uso excessivo de substâncias. Porém, é preciso

Brito, Bruna Pinto Martins; Almeida, Christiane Carvalho de; Fernandes, Lucas Guilherme; Silva, Walquiria Sanches da. O lugar e a função da sublimação na clínica das toxicomanias sublimação na clínica das toxicomanias

que esse desvio na busca de satisfação pulsional possa se dirigir para a (re)construção do enlaçamento com o Outro,⁷ antes interrompido pela relação toxicômana. A partir das atividades sublimatórias, é possível fazer com que os toxicômanos saiam do lugar daqueles que consomem – e são consumidos – para o lugar daqueles que produzem. A partir da produção, ele pode (r)estabelecer laços sociais.

Ao defendemos a emergência de um sujeito, respeitando sua singularidade, devemos considerar que a sublimação não é uma saída para todos. Nosso interesse neste trabalho é apontar a sublimação como uma via possível na condução de um tratamento, porém, não sendo a única maneira. Trata-se de um caminho possível em um tratamento, longe de uma “padronização sublimatória”. Além disso, como verificamos com o estudo freudiano sobre Leonardo Da Vinci, a sublimação não é para todos, assim como seu excesso também apresenta riscos ao sujeito.

Diante das considerações da singularidade e dos riscos do excesso sublimatório, ratificamos a importância de políticas públicas de saúde que disponibilizem espaços (oficinas de arte, oficinas de qualificação profissional, por exemplo) em que a sublimação possa dar lugar a um recomeço na clínica da toxicomania.

Referências

- Bauman, Z. (1998). *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Bauman, Z. (2007). *Vida líquida*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Beneti, A. (2014). A toxicomania não é mais o que era. In M. Mezêncio, M. Rosa, M. W. Faria (Orgs.). *Tratamento possível das toxicomanias... com Lacan* (pp. 27-38). Belo Horizonte: Scriptum.
- Besset, V. (2000). Entre o sublime e o ridículo “il n’ya a qu’un pas...”: considerações sobre a sublimação e o mal-estar. *Pulsional Revista de Psicanálise*, XIII(138), 5-12.

⁷ Esse Outro é aqui entendido como “o lugar da fala” (Lacan, 2008, p. 129), indicando um endereçamento da fala do sujeito, e, em consequência, “o lugar da verdade” (Lacan, 2008, p. 129). Trata-se de uma referência lacaniana para aquilo que promove o ordenamento do seu mundo simbólico e representado por figuras como a lei, o Estado.

Brito, Bruna Pinto Martins; Almeida, Christiane Carvalho de; Fernandes, Lucas Guilherme; Silva, Walquiria Sanches da. O lugar e a função da sublimação na clínica das toxicomanias sublimação na clínica das toxicomanias

- Brasil. (2013) Observatório Brasileiro de Informações sobre drogas. *Estimativa do número de usuários de crack e/ou similares nas capitais do país*. (Relatório). Recuperado em 20 março, 2014, de <http://www.obid.senad.gov.br/portais/OBID/biblioteca/documentos/Relatorios/329534.pdf>.
- Brito, B. P. M. (2007). *Psicanálise: de que saber se trata?* Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ.
- Chaves, E. (2006) *Toxicomania e transferência*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade Católica de Pernambuco, Pernambuco, Recife.
- Figueiredo, L. (2007). A gestação do espaço psicológico no século XIX: liberalismo, romantismo e regime disciplinar. In *A invenção do psicológico: quatro séculos de subjetivação* (pp. 129-150) São Paulo: Escuta.
- Freda, F. H. (2005). La secta y la globalización. In J. A. Miller, J.-A. *El otro que no existe y sus comités de ética*. (pp. 303-324). Buenos Aires: Paidós.
- Freud, S. (1996). Três ensaios sobre a sexualidade. In S. Freud. *Edição Standard Brasileira das Obras psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 08, pp. 163-195). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1905).
- _____. (1996). Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua Infância. In S. Freud, S. *Edição Standard Brasileira das Obras psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 11, pp. 69-141). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1910).
- _____. (1996). Os instintos e suas vicissitudes. In S. Freud S. *Edição Standard Brasileira das Obras psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 14, pp. 117-144). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1915).
- _____. (1996). O Mal-estar na Civilização. In Freud, S. *Edição Standard Brasileira das Obras psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 20, pp. 67-148). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1930).
- Houaiss, A. (2009). *Minidicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Kaufman, P. (1996). *Dicionário Enciclopédico de Psicanálise: o legado de Freud e Lacan*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Lacan, J. (2008). *O Seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar. (Originalmente publicado em 1964)
- Laurent, E. (2014). Três Observações sobre a toxicomania. In M. Mezêncio, M. Rosa, M. W. Faria (Orgs.). *Tratamento possível das toxicomanias... com Lacan* (pp. 19-26). Belo Horizonte: Scriptum.
- Mezêncio, M. (2014). Tratamento Possível das toxicomanias... com Lacan. In M. Mezêncio, M. Rosa, M. W. Faria (Orgs.). *Tratamento possível das toxicomanias... com Lacan* (pp. 9-11). Belo Horizonte: Scriptum.
- Nery Filho, A. (Org.). (2009). *Toxicomanias: incidências clínicas e socioantropológicas*. Salvador: EDUFBA, Cetad.

Brito, Bruna Pinto Martins; Almeida, Christiane Carvalho de; Fernandes, Lucas Guilherme; Silva, Walquiria Sanches da. O lugar e a função da sublimação na clínica das toxicomanias sublimação na clínica das toxicomanias

THE PLACE AND FUNCTION OF SUBLIMATION IN CLINICAL DRUG ADDICTION EL LUGAR Y LA FUNCIÓN DE LA SUBLIMACIÓN EN LA CLÍNICA DE TOXICOMANÍA

Resumo

O homem inserido na sociedade enfrenta um mal-estar, resultante dos antagonismos entre suas satisfações pulsionais e as exigências da civilização. Na tentativa de evitar esses sentimentos de desprazer, o homem não pode dispensar algumas medidas. Dentre elas, o uso de substâncias é uma das vias privilegiadas para tamponar esse mal-estar. Neste trabalho, destacaremos o (ab)uso de substâncias e sua consequente fusão sujeito/droga. Este trabalho pretende enriquecer a discussão sobre esse tema atual a partir das contribuições da psicanálise à clínica da toxicomania. Para avançarmos, retomaremos as contribuições freudianas acerca do uso de tóxicos (Freud, 1930) como uma via mortífera de escape ao mal-estar. A sublimação, como um dos destinos da pulsão, demonstra seu lugar e sua função nessa clínica. Ela incide na fusão sujeito/droga em prol da emergência do sujeito em uma via menos mortífera para satisfação da pulsão. Trata-se assim de uma clínica que oferta um lugar ao sujeito, antes apagado sob nomes universais, como “drogado”. Logo, os dados deste estudo nos indicam que a clínica psicanalítica pode oferecer um lugar ao sujeito toxicômano, a partir da construção de outros modos de satisfação, dentre eles, a via sublimatória.

Palavras-chave: Sublimação. Toxicomania. Clínica Psicanalítica. Destinos da pulsão.

Abstract

People within society face a malaise resulting antagonisms between their drives satisfactions and demands of civilization. In an attempt to avoid these feelings of displeasure, humans cannot do without some action. Among them, the use of substances is one of the privileged ways to buffer this malaise. In this paper, we will highlight the (ab)use of substances and the consequent merger subject/drug. This paper aims to enrich the discussion from the contributions of psychoanalysis to clinical drug addiction theme. To move forward, we will resume the Freudian conception of addiction (Freud, 1930) that conceives it as a deadly escape route to the malaise. Sublimation is one of the methods used in psychoanalysis clinics as a possible way for drive's destination. It focuses on mergers between subject/drug towards the emergence of the subject in a less deadly way to satisfy the subjects drive. The clinic offers a place to the subject that was out before and called “Junkie” to become rehabilitated so he/she can rejoin society. Therefore the data in this study indicates that clinical psychoanalysis can use the sublimation method on a drug addicts to re-construct their needs of satisfaction in other ways without using drugs, between them, the sublimatory one.

Keywords: Sublimation. Drug Addiction. Psychoanalytic Clinic. The Drive's destinations.

Resumen

El hombre insertado en la sociedad se enfrenta a un malestar, resultante del antagonismo entre su satisfacción de pulsión y de las exigencias de la civilización. En un intento por evitar estos sentimientos de desagrado, hombre no puede prescindir de algunas medidas. Entre ellos, el uso de sustancias es una de las formas privilegiadas para amortiguar este malestar. En este trabajo, destacamos el (ab) uso de sustancias y su consiguiente fusión sujeto/drogas que pretende enriquecer la discusión sobre este tema actual de las contribuciones del psicoanálisis a la clínica de la adicción a las drogas. Para avanzar, reanudaremos el concepto freudiano de adicción a las drogas (Freud, 1930) que las concibe como una forma de escapar malestar mortal. A sublimação, enquanto um dos destinos da pulsão, demonstra seu lugar e sua função

Brito, Bruna Pinto Martins; Almeida, Christiane Carvalho de; Fernandes, Lucas Guilherme; Silva, Walquiria Sanches da. O lugar e a função da sublimação na clínica das toxicomanias sublimação na clínica das toxicomanias

nesta clínica. La sublimación, en cuanto, uno de los objetivos de la unidad, se muestra en su lugar y su función en esta clínica. Se centra en el tema drogas fusión para la aparición del sujeto de una forma menos mortal para la satisfacción de la unidad. Esta es una clínica que ofrece un lugar con el tema, antes de eliminar bajo nombres universales, como "drogadicto". Pronto, los datos de este estudio indican que la clínica psicoanalítica puede ofrecer un lugar a adicto a partir de la construcción de otras formas de satisfacción, entre ellos, la vía sublimatoria.

Palabras clave: Sublimación. Toxicomanía. Clínica Psicoanalítica. Destinos de la pulsión.

Abstrait

L'homme inséré dans la société fait face à un malaise résultant des antagonismes entre ses satisfactions pulsionnelles et les exigences de la civilisation. Dans une tentative d'éviter ces sentiments de déplaisir, l'homme ne peut pas se passer de certaines mesures. Parmi eux, l'utilisation de substances est l'un des moyens privilégiés pour amortir ce malaise. Dans ce travail, nous mettrons en évidence l'utilisation des substances et leur fusion subséquente sujet / médicament. Cet article a pour but d'enrichir la discussion sur ce thème actuel des contributions de la psychanalyse à la pratique clinique de la toxicomanie. Nous rapporterons les contributions de Freud à l'utilisation des substances toxiques (Freud, 1930) comme une fuite mortelle du malaise. La sublimation, comme l'un des destins de la pulsion, démontre sa place et sa fonction dans cette clinique. Il se concentre sur la fusion sujet / drogue en faveur de l'émergence d'une manière moins mortelle pour la satisfaction de la pulsion. C'est donc une clinique qui offre une place au sujet, précédemment effacé sous des noms universels, comme «drogué». Par conséquent, les données de cette étude indiquent que la clinique psychanalytique peut offrir une place au toxicomane, à partir de la construction d'autres modes de satisfaction, parmi eux, la voie sublimatoire.

Mot-clé: toxicomanie; clinique psychanalytique; destins des pulsions.